

Contribuição ao conhecimento sobre acidentes com raias em grupo de idosos na Zona Oeste do Rio de Janeiro, RJ

Thamires L. B. Silva¹; Sandra R. Siqueira¹; Débora R. Souza¹; Felipe A. Oliveira¹; Gabriella Q. S. Vilela¹; Marcelo A. Soares².

1 - Alunos de Graduação em Ciências Biológicas - Escola de Saúde e de Meio Ambiente. Centro de Pesquisa em Biologia – CEPBIO. Universidade Castelo Branco. Av. Santa Cruz, 1631, Realengo, Rio de Janeiro, RJ – CEP 21.710-250.

2 - Prof. Dr. do Curso de Ciências Biológicas - Escola de Saúde e de Meio Ambiente. Centro de Pesquisa em Biologia – CEPBIO. Universidade Castelo Branco. Av. Santa Cruz, 1631, Realengo, Rio de Janeiro, RJ – CEP 21.710-250.

Acidentes provocados por animais marinhos são mais frequentes do que se pode imaginar. Porém, a maioria ocorre por imprudência humana. Recentemente, as raias tem despertado interesse pelo potencial farmacológico da peçonha necrosante que produz na região caudal. Quando a região dorsal da raia é tocada ou pressionada, provoca resposta muscular com flexão da cauda para cima, direcionando o ferrão para o local estimulado. Também são registradas mutilações decorrentes dos ferimentos. Este trabalho teve por objetivo informar sobre a prevenção de acidentes com raias em grupos da terceira idade na zona oeste do Rio de Janeiro. O trabalho foi realizado no projeto de extensão “O Bicho vai Pegar!” no Centro de Pesquisas em Biologia – CEPBIO em parceria com o Programa Social “Tempo de Aprender” da Universidade Castelo Branco. A principal metodologia foi o estudo qualitativo e quantitativo de coleta de informações envolvendo entrevistas semiestruturadas através de questionários aplicados antes e após a intervenção sobre o conhecimento de acidentes com raias. Dos idosos entrevistados, 75% responderam que raias não são animais agressivos no pré-teste e 60% no pós-teste. Quando questionados se conheciam alguém que já tenha sofrido acidente com raia, 90% dos entrevistados disseram que não. No pré-teste, 75% dos idosos não souberam responder se existe soro para tratamento de acidentes com raias, já no pós-teste 95% afirmaram que o soro não existe. Dos idosos entrevistados 95% afirmaram não conhecer os cuidados a serem adotados em caso de acidente antes da intervenção, após a intervenção, 100% afirmou conhecer esses cuidados. Diante dos resultados expostos, conclui-se a necessidade de práticas de educação com idosos que envolva o conhecimento sobre raias, objetivando a redução do número de acidentes e medidas corretas a serem adotadas por ocasião destes, salientando também a importância ecológica desses animais.

Palavra-Chave: Acidentes, Idosos, Raias.

Apoio: Universidade Castelo Branco.